



Ali Smith

VERÃO

«Um poema em prosa que é uma homenagem à memória, ao perdão,
ao compreender o lado bom da vida e ao aproveitar o momento.»

The New York Times

ELSINORE

para as minhas irmãs
Maree Morrison
Anne MacLeod

e para os meus amigos
Paul Bailey
Bridget Hannigan

para
a minha amiga
Sarah Daniel

e para
a minha inseparável companheira
Sarah Wood

Era uma noite de verão e, na ampla
sala com as janelas abertas para o jardim,
eles falavam da fossa.

Virginia Woolf

Senhor, preserva o verdor da minha memória!

Charles Dickens

Por mais vasta que seja a escuridão,
devemos gerar a nossa própria luz.

Stanley Kubrick

imaginava que essa pessoa,
ele ou ela, me levava para um país
alto e soalheiro onde sabia que a felicidade
era apenas um momento, uma indolente chama na lareira
que no entanto reduziria a cinzas todo o infortúnio
se pudesse, um crivo de pó como aquele que choramos
quando caixões se afundam com aterradora indiferença
num rugido, em fumo, em luz, em quase nada.
Esse não inteiramente nada que exalto e escrevo.

Edwin Morgan

Oh, ela está quente!

William Shakespeare

1

Toda a gente dizia: *e?*

No sentido de *e daí?* No sentido de *encolher de ombros*, ou de *o que é que queres que eu faça?* ou de *estou-me completamente nas tintas*, ou de *na verdade estou de acordo, não vejo problema nenhum*.

Bem, na realidade nem toda a gente o dizia. Falo coloquialmente, como naquela expressão *toda a gente o faz*. O que eu quero dizer é: naquela altura, era um claro sinal daquele tempo específico; uma espécie de tornassol, este tom de indiferença. Por essa altura, tornou-se moda adotar a postura de não querer saber. Tornou-se moda, também, insistir que aqueles que queriam saber, ou que diziam querer saber, ou eram uns pobres falhados ou estavam só a exhibir-se.

Parece que foi há uma eternidade.

Mas não foi — foi literalmente há escassos meses que se inaugurou um tempo em que pessoas que tinham vivido a vida inteira ou a maior parte da vida neste país começaram a ser detidas e ameaçadas de deportação ou deportadas: *e?*

E em que um governo encerrou o seu próprio parlamento porque incapaz de obter o resultado que pretendia: *e?*

E em que inúmeras pessoas elegeram para cargos de poder pessoas que as olhavam nos olhos e lhes mentiam: *e?*

E em que um continente ardia e outro derretia: *e?*

E em que por todo o mundo pessoas no poder começaram a abater grupos de pessoas com base na religião, na etnia, na sexualidade, na dissidência intelectual ou política: *e?*

Mas não. A sério. Nem toda a gente o dizia.

Nem por sombras.

Milhões de pessoas não o diziam.

Milhões e milhões, por todo o país e por todo mundo, percebiam as mentiras, e o modo como as pessoas e o planeta eram maltratados, e faziam-se ouvir, em marchas de protesto, em manifestações, através da palavra escrita, do voto, da palavra falada, do ativismo, na rádio, na televisão, via redes sociais, tweet após tweet, página após página.

Ao que as pessoas que sabiam do poder de dizer *e?* diziam, na rádio, na televisão, via redes sociais, tweet após tweet, página após página: *e?*

Podia passar a vida inteira a listar coisas sobre, e a falar sobre, e a demonstrar com fontes e gráficos e exemplos e estatísticas, aquilo que segundo a História inevitavelmente acontece quando somos indiferentes, e quais as consequências de cultivar a indiferença política, algo que qualquer pessoa disposta a negar rejeitará num ápice com o seu curto e incisivo

e?

E então.

Em vez disso, eis uma coisa que vi em tempos.

É a imagem de um filme feito no Reino Unido há cerca de setenta anos, não muito depois de terminada a Segunda Guerra Mundial.

O filme foi feito em Londres por uma jovem artista que chegou de Itália numa altura em que Londres se contava entre os muitos lugares obrigados a reerguer-se naquele tempo que correu há quase uma eternidade, depois de dezenas de milhões de pessoas de todas as idades em todo o mundo terem morrido antes do tempo.

É a imagem de um homem que transporta duas malas.

É um homem franzino, um homem jovem, um homem do tipo distraído e vacilante, garboso no seu casaco e chapéu, ligeiro no

passo mas ao mesmo como se carregasse um peso; é por demais evidente que carregaria um peso mesmo que não transportasse duas malas. É grave, esguio, ensimesmado, tremendamente ávido e perfila-se contra o céu porque se equilibra num estreitíssimo rebordo de tijolo que contorna um edifício alto, ao longo de cuja extensão executa uma alegre e frenética dança com os telhados fustigados de Londres atrás dele; não: mais precisamente, esses telhados estão bem abaixo dele.

Como consegue ele ser tão ágil sem cair da beira do edifício?

Como pode o que ele faz ser tão estapafúrdio e ainda assim tão gracioso, tão urgente e despreocupado ao mesmo tempo?

Como consegue ele agitar aquelas malas no ar daquela maneira e ainda assim manter o equilíbrio? Como consegue ele mover-se a tal velocidade junto da queda a pique?

Porque arrisca ele tudo?

Seria inútil mostrar-vos um fotograma ou uma fotografia disto. É uma imagem em movimento.

Durante vários segundos, o homem executa uma tresloucada mas jovial dança de funâmbulo por cima da cidade, deslocando-se com excessiva rapidez ao longo do ziguezagueante trajeto de um rebordo que tem a largura de um só tijolo.

E então:

S e hei de ser a heroína da minha própria existência, diz a mãe de Sacha.

Depois diz, Sacha, o que é isso? De onde é?

Sacha está a tomar o pequeno-almoço na sala de estar com os olhos postos no telemóvel. O televisor está ligado com o volume demasiado alto e a mãe grita por cima dele.

Não sei, diz Sacha.

Di-lo num volume normal, pelo que é perfeitamente possível que a mãe não lhe tenha ouvido nada. Não que isso faça qualquer diferença, na verdade.

Heroína da minha própria existência, a mãe percorre a sala de um lado para o outro e repete-o uma e outra vez. Heroína da minha própria existência, a que se segue qualquer coisa sobre uma posição, uma posição que outrem ocupará. De onde é que isso é?

Como se isso tivesse importância.

Sacha abana a cabeça sem a abanar o bastante para que se perceba que a abana.

A mãe dela vive noutro mundo.

Exemplo disso foi o que aconteceu a noite passada a propósito da citação que Sacha encontrou online para a composição sobre o perdão que tinha de redigir para a aula que hoje terá com Merchiston. Para assinalar uma semana desde o Brexit, todos tinham sido obrigados a escrever um texto subordinado ao tema do «Perdão». Sacha desconfia profundamente do perdão.

O ato de dizer *perdo-te* equivale a dizer *és menos do que eu e tenho sobre ti a vantagem da superioridade moral*.

Mas esse é o tipo de espírito de verdade que merecerá um B em vez de um A de Merchiston, a quem toda a turma sabe agora exatamente que respostas dar para obter as notas necessárias.

De maneira que ontem, já noite avançada, porque o trabalho tinha de ser entregue hoje, Sacha pesquisou algumas citações na Internet.

Como uma escritora do século passado tão devotamente disse, O perdão é a única forma de reverter o irreversível curso da História.

A mãe entrara-lhe no quarto sem bater à porta, de novo, e pusera-se a ler o ecrã por cima do ombro de Sacha.

Oh, mas que bela citação, essa, disse a mãe, gosto muito.

Eu também gosto, disse Sacha.

Será devotamente a palavra certa?, disse a mãe. A passagem parece-me mais filosófica do que devota. É uma escritora devota? Quem é que escreveu isso?

Sim, é uma escritora devota, disse Sacha, apesar de não fazer a mínima ideia, de não saber quem havia escrito aquilo, e escrevera a palavra devotamente porque devotamente soava bem na frase. Mas agora, com a mãe a respirar-lhe sobre o pescoço e a dissertar sobre quem seria a autora, abriu o Startpage e digitou as palavras irreversível, curso, história. A citação apareceu.

É alguém cujo nome parece europeu, disse ela.

Ah. É a Arendt, a Hannah Arendt, disse a mãe. Gostava de ler o que a Arendt escreveu sobre o perdão, ora aí está uma coisa que não me importava nada de fazer agora mesmo.

O que não deixa de ser irónico, pensou Sacha, dado que nem o pai nem a mãe pareciam minimamente inclinados a perdoar o que quer que fosse um ao outro tão cedo.

Não lhe chamaria propriamente devota, disse a mãe. Qual é a fonte?

O Brainyquote, disse Sacha.

Isso não é uma fonte, disse a mãe. A fonte original é mencionada? Repara. Não é. Isso não pode ser.

A fonte é o Brainyquote, disse Sacha. Foi onde encontrei a citação.

Não podes simplesmente indicar o Brainyquote como a tua fonte, disse a mãe.

Posso, sim, disse Sacha.

Precisas de aprimorar a referência à fonte, disse a mãe. Caso contrário, não saberás de onde vem o que a Hannah Arendt disse.

Sacha ergueu o ecrã. Girou-o na direção da mãe.

Brainyquote. Quotepark. Quotehd. Azquotes. Facebook. Goodreads. Picturequotes. Quotefancy. Askideas. Birthdaywishes.expert, disse ela. Todos estes sítios aparecem quando se digita uma parte da citação. E estas são só as fontes principais. Há montes de sites que a citam a dizê-lo.

Não, porque se esses sites se limitam a *dizer* que a estão a citar, isso por si só não basta, disse a mãe. Terias de examinar todos esses sites até descobrires de onde é que estão de facto a citar. O contexto. É importante.

Está bem, mas eu não preciso de saber isso, disse Sacha.

Precisas, sim, disse a mãe. Vê se nalgum desses sites é mencionada uma fonte primária.

A Internet é uma fonte primária, disse Sacha.

A mãe retirou-se.

Tudo mergulhou no silêncio durante cerca de dez minutos.

Sacha retomou a respiração normal.

Depois a mãe que claramente tinha estado debruçada sobre o computador portátil da cozinha a consultar o Brainyquote e o Quotepark e quejandos gritou do piso térreo como se tivesse sido pessoalmente insultada pelo Brainyquote e o Quotepark e quejandos:

Nenhum destes sites, nem um único, menciona uma fonte primária, Sach. Não consigo descobrir onde a Arendt escreveu isto. Portanto não devias usar a citação. Não podes.

Certo, obrigada, gritou Sacha do quarto em resposta.

Depois continuou a fazer o que estava a fazer sem dar ouvidos à mãe.

É possível que nem sequer tenha sido a Arendt a dizê-lo, gritava agora a mãe, que subira as escadas até meio.

Gritava como se ninguém a conseguisse ouvir.

Não é fidedigno, gritou a mãe.

Quem é que precisa que um trabalho de casa seja fidedigno?, disse Sacha.

Eu, gritou a mãe. E tu. Todos os seres humanos que recorrem a fontes precisam.

Preocupar-se com coisas deste tipo era o que a geração da mãe dela fazia como mecanismo de deslocamento da preocupação com as coisas reais que estavam a acontecer no mundo. Ainda assim, não fosse dar-se o caso de a mãe ter razão –

E se eu mencionar no final do texto que a Internet diz que é da Hannah, hum, disse Sacha.

Tornou a fazer uma pesquisa na Internet para rememorar o segundo nome da pessoa que o disse.

Não chega, gritou a mãe entrando-lhe pelo quarto dentro sem pedir licença uma vez mais. Porque não há nenhuma prova de que a Hannah Arendt alguma vez o disse. E se foi outra pessoa, alguém a quem não foi dado o devido crédito? Ou. E se *ninguém* o disse em *nenhuma* fonte original e alguém algures simplesmente *inventou* que a Hannah Arendt o disse e decidiu escrevê-lo na Internet para depois se espalhar através de todos esses sites?

Nesse caso a Hannah Arendt, seja lá ela quem for, ficaria agradada, disse Sacha (num volume normal para que a mãe se apercebesse da própria gritaria). É uma coisa digna de ser dita.

Não podes falar pela Hannah Arendt, disse a mãe (sim, numa voz menos sonora, felizmente). Gostavas que a Internet citasse isto ou aquilo e depois dissesse que foi a Sacha Greenlaw quem o disse?

Não me importaria. Ficaria agradada se alguém algures pensasse que eu tinha dito algo digno de ser dito, disse Sacha.

Ah, estou a ver. É uma questão de aprovação, portanto. Estás a comportar-te como se tivesses a idade do Robert, disse a mãe.

Não, não estou, disse Sacha. Se ainda *tivesse* só treze anos, ou se fosse o Robert, Deus me livre, teria dito: regressa imediatamente para a era do pedantismo educativo inútil.

Vá, Sach, disse a mãe. A fonte. É importante. Pensa porquê.

Aquilo que eu penso, disse Sacha voltando-se para olhar a mãe de frente. É que estou a trabalhar a um nível correto e aceitável.

O nível de cuidado de que falo é necessário em *tudo*, disse a mãe voltando a altear a voz (como se a voz alteada lhe desse mais razão). E aquilo a que chamas nível correto e aceitável não é mais do que um estratagema social.

Agora a mãe agitava os braços no ar no quarto de Sacha de tal maneira que atingiu o quebra-luz do candeeiro de teto com um golpe que o fez baloiçar.

E se um dia ao acordar descobrisses que em tudo quanto era site se dizia que *tinhas* dito uma coisa que jamais em tempo algum dirias?, disse a mãe.

Simplesmente diria a toda a gente que nunca o disse, disse Sacha.

Mas e se consultasses a Internet e encontrasses milhares de pessoas furiosas contigo ainda assim?, disse a mãe. E se te acontecesse a ti algo idêntico ao que aconteceu ao teu irmão mais novo?

Não se pode fazer nada para travar esse tipo de choque em cadeia, disse Sacha. Portanto estou-me nas tintas para quem pensa o quê. *Eu* saberia que estava a dizer a verdade. E eu sou a minha fonte. Se queres chatear alguém, vai chateá-lo a ele. Eu não tenho tempo para isto.

Fá-lo-ia. Mas ele saiu, disse a mãe.

São dez horas, disse Sacha. Ele tem treze anos. Que espécie de mãe és tu?

A espécie que faz o melhor que pode pelos dois filhos desafiando todas as probabilidades, disse a mãe.

Este trabalho tem de ser entregue amanhã de manhã bem cedo, disse Sacha.

E se a tua reputação fosse arruinada e não pudesses ir a lado nenhum porque todas as pessoas te chamavam indecente e mentirosa?, disse a mãe.

Perdoava-as, disse Sacha.

O quê?, disse a mãe.

O perdão, disse Sacha, é a única forma de reverter o irreversível curso da História.

Fez-se uma breve pausa, quase como a que as pessoas fazem numa peça de teatro. Depois a mãe soltou uma gargalhada sonora.

Depois Sacha riu-se também.

A mãe de Sacha aproximou-se e abraçou-a sentada à secretária.

A minha menina inteligente, disse a mãe.

O peito de Sacha encheu-se do tipo de calor a respeito do qual, em tempos, quando era mesmo muito pequena, perguntara à mãe porque sabia tão bem e a mãe dissera *é o teu verão interior*.

Mas vais ter de ser ainda mais inteligente do que isso, disse a mãe agora, ainda com os braços em torno da filha num abraço apertado. As raparigas inteligentes têm de ser mais inteligentes do que o, o.

O nível de inteligência correto e aceitável, disse Sacha para o flanco da mãe.

Isso foi a noite passada. Isto é a manhã seguinte. Sacha entrou aqui para tentar tomar o pequeno-almoço em paz enquanto vê no telemóvel as notícias e os posts que toda a gente publicou no Facebook. Mas não há paz. A mãe divaga enquanto se passeia de um lado para o outro na sala de estar, gritando palavras e

agitando uma chávena de café cujo conteúdo ocasionalmente transborda e cai no parque; Sacha já se viu obrigada a desviar a mochila várias vezes.

O volume do televisor está demasiado alto e os pivôs e repórteres no estúdio e no mundo lá fora divagam também naquele seu habitual jeito surreal. Desde que Sacha assistiu àquele programa televisivo em que celebridades se mascaram com um traje e uma cabeça enorme e cantam uma canção e um júri e uma plateia tentam adivinhar quem está por trás da máscara, ficou gravada nela a forte impressão de que, na verdade, todas as pessoas e coisas que aparecem na televisão são como alguém a usar uma máscara. Depois de o ver, não há como deixar de o ver.

Tira! Tira!, gritam o júri e a plateia à celebridade que perde e que tem de tirar a máscara para que as pessoas possam finalmente ver quem atrás dela se escondia desde o princípio.

Tira! Em tempos Sacha viu um bando de homens gritar essa mesma palavra a uma rapariga lá em baixo perto do pontão.

Se hei de ser, diz a mãe de Sacha. A heroína da minha própria existência. Ou se outrem, outrem, ocupará essa posição. Deverá ocupar.

Porque é que não pesquisas a frase?, diz Sacha.

Não, diz a mãe.

Eu pesquisei por ti, diz Sacha.

Não, diz a mãe.

O modo como o não é dito concentra toda a ferocidade da mãe; ultimamente esquece-se constantemente das coisas e obriga-se constantemente a não pesquisar online as coisas de que se esqueceu. *Estou tão menopáusica. É da menopausa.* Como se se pudesse desafiar o inevitável gritando-lhe o nome. Ela está a tentar forçar-se a rememorar as coisas em vez de as pesquisar. Na prática, o que isso significa é que a mãe se dedica a irritar toda a gente durante meia hora e *depois* vai à Internet pesquisar o que quer que lhe tenha escapado da memória.

Deverá ocupar essa posição, diz ela, ou se outrem deverá ocupar essa posição. Por amor de Deus, Sach. Põe isso mais baixo. Assim não consigo ouvir os meus pensamentos. Assim não consigo *não* ouvir os meus pensamentos.

Não posso. Não sei onde é que ele o enfiou, diz Sacha.

Robert já foi para a escola. Uma das suas mais recentes diabruras consiste em pôr a televisão aos berros e depois esconder o comando, porque o comando é a única forma de pôr o televisor a fazer o que quer que seja. O botão de ligar/desligar já não funciona (este televisor é bastante velho; o pai deles levou o novo para a porta ao lado quando saiu de casa). Se se retirar a ficha da tomada corre-se o risco de o aparelho não voltar a ligar. De modo que não o fazem.

A coisa demasiado ruidosa que agora desfila no ecrã é uma reportagem acerca de uma assembleia de cristãos evangélicos que está de alguma maneira relacionada com o presidente americano.

Liga-lhe, diz a mãe. Vê se ele está com o pai.

O pai da porta ao lado. Como uma sitcom da geração da mãe.

Não está, diz Sacha.

Pelo sim pelo não, diz a mãe.

Sacha liga para o telemóvel de Robert. Ouve do outro lado a mensagem do correio de voz.

Desligado, diz Sacha.

Outra coisa não seria de esperar, diz a mãe. Eu bato na parede.

Ele não está lá, diz Sacha.

Ashley proibiu Robert de voltar a entrar em casa desde que ele 1. lhe roubou a pequena harpa com que toca as suas músicas galesas, 2. a vendeu numa Cash Converters e depois lhe deu o dinheiro num envelope como se estivesse fazer-lhe um favor e 3. lhe disse (apesar de ser galesa e, por conseguinte, britânica) que dali em diante não seria bem-vinda a este país noutra condição que não a de turista.

E Mercy Bucks causa sensação na região do *Bible Belt*, arrastando atrás de si uma comitiva de dólares¹, diz o repórter na televisão. Chamam-lhe a grande esperança branca.

É verdade, Sacha não distingue uma única pessoa que não seja branca nas imagens da Igreja do Espírito Mercy Bucks.

Ele disse-me para vo-lo dizer. Comunica-mo diretamente neste momento em que vos falo. Ouço-lhe a voz sagrada, a voz sagrada de Deus Todo-Poderoso que me chega diretamente da Sua boca sagrada, Ele está aqui, di-lo neste preciso instante, *mercy, mercy, mercy (mercy, mercy!*, gritam as pessoas na igreja em resposta, ou talvez gritem *Mercy, Mercy*, visto ser esse o nome dela).

Quem é aquela?, diz a mãe atravessando novamente a divisão e detendo-se em frente ao televisor.

É uma grande esperança branca, diz Sacha. Deus fala-lhe diretamente ao ouvido na Sua voz sagrada da Sua boca sagrada.

Mercy Bucks, diz a mãe. Esse nome é inventado. E o sotaque dela é pavoroso. É a cara chapada da Claire Dunn. Se a Claire Dunn tivesse mais trinta anos. O que, sejamos realistas, já terá por esta altura.

Achas sempre que as pessoas que aparecem na televisão são alguém que tu conheces, diz Sacha.

Não, eu reconheço-a. Eu trabalhei com ela. Se for a Claire, fez uma plástica ao nariz, diz a mãe. O nariz não é o mesmo.

O nariz não é o mesmo porque não é ninguém que tu conheças, diz Sacha.

Depois olha a mãe de soslaio. Geralmente, quando a mãe alude ao seu passado como atriz, é sinal de que está frágil. A mãe de Sacha foi atriz outrora, antes de ter conhecido o pai deles e antes de ter ocupado um cargo no ramo da publicidade que viria

¹ Mercy Bucks, numa tradução mais ou menos literal, equivalerá a algo como «Dólares de Misericórdia». [N. T.]

a abandonar quando teve Sacha e o irmão. Tal estado relaciona-se também com coisas que não podem ser verbalizadas por ninguém da família e que dizem respeito à mãe da mãe dela, que morreu quando a mãe deles tinha apenas a idade de Robert, depois de engolir demasiados comprimidos, algo que a mãe deles diz ter sido por descuido e que toda a gente incluindo a mãe dela sabe que muito provavelmente não foi por descuido mas nunca o diz. (Nem mesmo Robert.)

Mas a mãe não parece frágil. Parece apenas algo cansada.

A reportagem termina com o plano de uma projeção atrás de Mercy Bucks no qual se vê um contador que mostra o volume de donativos a ascender às centenas de dólares por segundo.

A notícia seguinte diz respeito aos fogos incontrolláveis que assolam a Austrália.

Tiveram um janeiro quente, diz a mãe.

O mais quente de que há registo, diz Sacha. E agora estamos em fevereiro e os fogos continuam ativos.

Puxa as notícias atrás, diz a mãe. Para vermos a Claire de novo.

Sacha levanta os braços.

Não posso, diz ela.

A mãe tateia os flancos do sofá à procura do comando. Esquadrinha atrás das coisas nas prateleiras. Depois estaca no meio da sala, atarantada.

Sacha detesta quando a mãe está atarantada.

Provavelmente está no quarto dele, diz Sacha.

Ou levou-o para a escola, diz a mãe.

Sacha encaminha-se para o vestíbulo e põe o casaco. Vê-se ao espelho.

Não consigo pôr o serviço de *catch-up* a dar, grita a mãe, da cozinha.

Tenho de ir, vozeia Sacha em resposta.

Mas o tom de pânico na voz da mãe fá-la avançar em direção à cozinha.

É verdade; o BBC iPlayer não está a funcionar; não é só por inépcia da mãe. Mas Sacha pode evitar a catástrofe a tempo de rumar à escola porque a Pastora Mercy Bucks tem um canal de YouTube.

MERCY BUCKS SALVA

Todos os títulos dos vídeos de Mercy Bucks contêm a palavra branco em todas as suas variações de género e número.

Branco na pele do corpo.

Contemplai uma nuvem branca.

Os ramos tornaram-se brancos.

Sacha clica no vídeo mais recente, carregado ontem. *Um grande trono branco.* 44 400 visualizações.

Numa igreja moderna com um pé-direito alto as palavras Colha Frutos do Evangelho descrevem uma auréola de luz fluorescente atrás da figura de Mercy Bucks.

Acrescente-se Reis 21:2 a Mateus 6:3, diz Mercy. *E Pagar-te-ei o Seu Valor em Dinheiro a Mas Antes Terás de Procurar o Seu Reino.* Só assim se alcançará na vida o verdadeiro sentido e a verdadeira fortuna, pois Deus é o patrão da nossa empresa. Deus é o contabilista supremo. E Deus tudo sabe. Deus conhece-o. Deus sabe o que você tem e não tem. Não julgue que Deus, nosso Pai, não consegue decifrar a mais encriptada das contas bancárias. Deus tudo contabiliza — à moeda, ao cêntimo. O valor exato que está disposto a esconder para não retribuir a Deus o que Lhe é devido. O valor exato que está disposto a sacrificar em nome de Deus para se tornar uma pessoa que detém propriedade espiritual. Porque Deus protege aqueles que sacrificam as poupanças. Deus recompensa aqueles que dão a Deus o que a Deus pertence. Deus auxilia aqueles que do Seu auxílio se mostram merecedores. Deus beneficia aqueles que se revelam benfeitores da boa Igreja de Deus.

Mercy Bucks entoa estas palavras numa cadência monótona e a congregação agita-se iluminada pelos holofotes de estúdio

como se estivesse num concerto de rock, esmurrando o ar com o telemóvel em punho, desatando a cantar Mercy Mercy Aleluia ao som da velha melodia de Glória Glória Aleluia.

Mercy ergue a mão para serenar e silenciar a plateia.

E Deus diz que ninguém, absolutamente ninguém, que n'Ele acredite verdadeiramente poderá dizer algo mau ou difamatório ou nocivo a respeito do presidente, diz ela.

Sacha solta uma gargalhada.

Deus diz que quem disser tais coisas coloca a língua ao serviço do mal, diz Mercy. Deus sabe que o processo de destituição foi obra do mal. Deus inocentou o nosso presidente de qualquer culpa em toda e cada palavra que o nosso presidente pronunciou! Conheço bem Deus. Deus conhece-me bem. Acreditem-me. Acreditem-me. Sou uma mulher que está em permanente ligação com Deus, há uma linha direta entre mim e Deus, e Deus disse-me para vos transmitir a mensagem de que deverão apoiar o nosso grande, grande presidente que está aqui na Terra para fazer uma grande, grande obra, a grande, grande obra que Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso Salvador, pessoalmente lhe confiaram —

Sacha ri tanto agora que por pouco não tomba a cadeira onde está. A mãe abana a cabeça.

Suponho que o facto de nos tempos que correm estarmos todos muito mais acostumados ao descaramento signifique que o próprio descaramento tenha de ser ainda mais descarado, diz a mãe.

Sim. Mas que embuste, diz Sacha.

A fraude dos homens foi sempre a mesma, diz a mãe. Desde a primeira folha de verão.

Agora a mãe cita falas do tempo em que era atriz. Mas aparentemente a única coisa em que a mãe chegou a participar foi num anúncio televisivo no tempo da Maria Cachucha. Mostraram o anúncio a Sacha quando era pequena, há uma

gravação guardada num armário, agora impossível de ver porque não resta no mundo um único leitor de VHS vivo. Nele, uma mulher jovem, uma esguia desconhecida irreprensivelmente penteada, parece impossível mas é de facto a mãe dela, bem lá atrás no tempo, curva-se numa cozinha para tirar um prato das mãos de um menino pequeno que usa um chapéu de polícia e explica à mulher que desempenha o papel de mãe *dele* o crime que ela está a cometer ao não lavar devidamente os pratos como aquele que segura.

— portanto doem, doem, doem e façam o bem, para me ajudarem a preparar o caminho do Senhor, porque oh meu Senhor dia após dia três coisas rezo, vejam-me claramente, amem-me plenamente, sigam-me nas redes sociais e doem dia após dia após dia após dia —

Agora está só a citar excertos do Godspell, diz a mãe dela.

O que é o Godspell?, diz Sacha.

Um velho musical, diz a mãe. Fiz o Godspell com ela.

E o Muito Barulho por Nada. Depois fizemos a digressão de verão de Shakespeare / Dickens pelos condados do leste de Inglaterra.

Entretanto a câmara faz planos aproximados de pessoas na plateia. Algumas parecem orgulhosas. Algumas parecem destroçadas. Algumas parecem desesperadas. Algumas parecem iluminadas de esperança. Todas parecem pobres. A maior parte agita o telemóvel erguido no ar. A outra utiliza-o para doar. No ecrã surge um plano ligeiramente desfocado do rosto de Mercy.

Sim, diz a mãe. Tenho a certeza.

Fecho ou queres continuar a ver?, diz Sacha.

— sente-se triste? consigo ver dentro de si, sente-se só? consigo ver dentro de si, sente-se ansioso? sente-se perturbado? sente-se no pecado atolado? não há maneira de ser contratado? transformou-o a vida numa sombra de si mesmo? está mais

morto que vivo? é um fantasma de si mesmo? um espectro?
Então ouça-me com atenção, porque Deus di-lo através de mim,
é imperativo, é imperativo —

Sacha desloca a seta do cursor para fechar a página.

É imperativo despertar a fé, diz a mãe dela.

— despertar a fé, diz Mercy Bucks uma fração de segundo
depois de a mãe dela o dizer, uma fração de segundo antes de
Mercy Bucks desaparecer do ecrã.

A mãe faz que sim com a cabeça.

O Conto de Inverno, verão de 89. Eu fazia de Hermione. Ela
era substituta. Sacha, vais chegar atrasadíssima. Precisas de
boleia? Oh não, que tonta sou. Mrs. Interdição Automóvel 2020.
Já me tinha esquecido.

Não te tinhas esquecido, diz Sacha. Simplesmente és incapaz
de admitir qualquer tentativa de heroísmo alheia.

Não chamaria propriamente tentativa de heroísmo à recusa
em viajar em qualquer espécie de coisa movida a gasolina, diz
a mãe. Chamar-lhe-ia princípio, talvez. Mas heroísmo?

O que é O Conto de Inverno Verão de 89?, diz Sacha.

O Conto de Inverno é uma peça de Shakespeare, diz a mãe.

Eu sei disso, diz Sacha (embora na realidade não soubesse ou
pelo menos não tivesse a certeza absoluta).

E o verão de 89 já lá vai. Antediluviano, agora, diz a mãe.

Anti quê?, diz Sacha.

Ante. Anterior a. Diluviano. Referente ao dilúvio, diz a mãe.

São oito e vinte. É melhor apressares-te.

Sacha apanha o casaco do chão, torna a vesti-lo e beija a mãe
na face.

Vai com Deus, diz a mãe.

Foi Deus quem acabou de te dizer para dizeres isso falando-te
diretamente ao ouvido na Sua voz sagrada?, diz Sacha.

Se me deres uma nota de cinco, sim, foi, diz a mãe.

*

Interdição automóvel. Como se fosse uma brincadeira, um capricho transitório.

Anti diluviano.

Sacha gosta muito de palavras. Embora na verdade em casa não tenha oportunidade para, pois é a Robert que o gosto das palavras está destinado.

A caminho da escola Sacha pesquisa anti diluviano no telemóvel.

Escrito de forma ligeiramente diferente significa antes do Dilúvio com D maiúsculo.

Pois. Como se o Dilúvio com D maiúsculo pertencesse ao passado. Somos todos antediluvianos *neste preciso momento.*

Nem mesmo ao verem as imagens da Austrália a arder o admitem. Nem mesmo ao verem meio milhar de milhões de criaturas mortas – 500 000 000 de coisas vivas que estão mortas, portanto – numa só região. Nem mesmo ao verem a fotografia de cidadãos australianos que privados da luz de verão respiram poeira vermelha numa praia debaixo de um céu vermelho, como que suspensos, quais marionetas cujos fios ninguém consegue controlar, e de um cavalo castanho ali no meio deles, perplexo, grave, como prova material da inculpabilidade, enquanto a bola de fogo se espalha no horizonte atrás deles como um sol de manteiga que derrete.

5 0 0 0 0 0 0 0 0. Sacha tenta imaginar, e respeitar, cada criatura morta individualmente. Amortalha ao longo de uma planície devastada os animais mortos dois a dois a dois a dois a dois milhões, numa extensão que nenhuma vista alcança, canguru queimado com canguru queimado, cinza de wallaby com cinza de wallaby, coala carbonizado com coala carbonizado.

A imaginação dela não é suficientemente grande.

Ela já sabe que *jamais* terá filhos. Porquê trazer uma criança à catástrofe? Seria como dar à luz na cela de uma prisão.

E Brighton é um bom lugar, um dos melhores do país em termos

ecológicos, o único lugar em todo o Reino Unido que tem como representante no parlamento uma deputada do Partido Verde, e ainda assim também aqui no noticiário local se ouve pessoas dizer que *o aquecimento global é um embuste parem de tentar assustar-me parem de assustar os meus filhos com disparates que têm como objetivo tirar-lhes o sono não há problema nenhum com o clima na verdade agrada-me a ideia de tempo mais quente seria bom para o mundo desfrutarmos do verão o ano inteiro seria estupendo.*

A sua própria mãe é uma dessas pessoas que têm um parafuso a menos. É como se a mãe dela vivesse mais apavorada com aquilo que a menopausa está a fazer-lhe do que com as coisas reais que acontecem no e ao mundo.

A menopausa também é real, diz neste momento a mãe de Sacha dentro da cabeça de Sacha.

Alto.

Espera lá.

Equivalerá aquilo — o que acaba de acontecer dentro da cabeça dela — a Deus falar ao ouvido de Mercy Bucks?

Sim, mas *na realidade* a mãe de Sacha não lhe falou ao ouvido nem dentro da cabeça. Dá-se simplesmente o caso de Sacha saber o que ela diria se estivesse *aqui*. Porque a conhece muito *bem*.

Mas Deus não é real. Disso tem Sacha absoluta certeza.

Deus é um produto fictício da necessidade e da imaginação humanas.

Já a mãe dela.

Real, sem sombra de dúvida.

Mas. Espera lá.

Porque: Deus é vários tipos de real, 1. ao ser «real» para as pessoas que ali estavam naquele programa religioso e que acreditam em Deus, 2. ao ser tornado «real» porque aparentemente «fala ao ouvido de alguém» e 3. ao ser um produto fictício «real» da imaginação de Mercy Bucks com conseqüências lucrativas bem reais para Mercy Bucks.

Portanto. O que é que isso faz da mãe de Sacha?

Ou, mais precisamente, o que é que isso faz da imagem que Sacha tem da mãe?

Imagina que és uma flor na água mas que o teu tempo de absorção de água enquanto planta terminou porque começas a secar naturalmente e a água – embora te seja impossível compreendê-lo como planta que és e tudo o mais – não mais te sobe pelo caule como acontecia outrora.

Eis o tipo de coisa que a mãe dela tem por hábito dizer e que tem como motivação uma inveja freudiana das pessoas jovens, em especial da filha.

Pergunto para mim se as flores se sentirão assim, como eu, quando isso lhes acontece. Sentirão as flores que perderam a destreza? passarão elas a vida a esbarrar contra as coisas? esquecer-se-ão constantemente das coisas? pensarão elas que o nome de Simon Cowell é Simon Callow apesar de saberem perfeitamente que é Cowell mas simplesmente, por uma qualquer razão que desconhecem, já não conseguem chegar ao nome através das suas ligações neurais?

Sacha sopra ar através dos dentes numa manifestação de desdém.

O envelhecimento é patético se usado como desculpa para deixar de ser responsável.

A mãe dela podia esforçar-se mais.

Sacha jamais será assim.

Em todo o caso, considerando o que está a acontecer ao planeta, é pouco provável que Sacha chegue a uma idade que lhe permita confirmar a certeza.

A mãe dela é uma afortunada por poder viver tanto tempo.

Deixa-te lá desses disparates imaginários, diz a mãe dentro da cabeça dela. Vai correr tudo bem.

A mãe dela, real ou «real». Ambas iludidas.

Ainda assim, sente-se algo culpada por se sentir irritada com a mãe e pelo modo rude como fala dela dentro da cabeça.

Como era mesmo aquela frase acerca de heroínas que ocupam uma posição? Pesquisá-la-á e enviará a fonte à mãe por SMS. O que simultaneamente agastará a mãe e a contentará. Dois pássaros, uma pedra.²

Que provérbio horrível.

As imagens de terror povoam-lhe a cabeça. Algo que em tempos fora um pássaro num céu, o esqueleto de uma asa partido e insubmisso que se projeta de uma caixa torácica esfolada e queimada.

Mais vale um pássaro na mão do que.

Não. Um pássaro na mão é contrário à natureza a menos que esse pássaro tenha escolhido repousar na mão de livre e espontânea vontade.

Algo longo para um provérbio, em todo o caso.

Dois pássaros na mão?

São Francisco.

À mente de Sacha acode um filme em italiano a que assistiram quando os pais dela ainda viviam na mesma casa e assistiam às coisas com legendas de que a mãe não gostava e de que o pai gostava, no tempo em que ela tinha a idade do Robert. Nele, São Francisco tenta dedicar-se às suas orações matinais debaixo das árvores, mas a adoração que os pássaros têm por ele é tal que se apinham nos ramos em seu redor e cantam e chilreiam o seu amor tão sonoramente que ele se vê obrigado a pedir-lhes que se calem porque não consegue concentrar-se nas orações.

Depois todos os frades que também se aglomeram em seu redor lhe perguntam se é sua vontade que partam para pregar a palavra de Deus pelo mundo. São Francisco pede-lhes que

² Para não comprometer o encadeamento lógico desta passagem, optou-se pela tradução literal de *Two birds one stone*, o equivalente a «matar dois coelhos de uma cajadada». [N. T.]

girem sobre si mesmos no local exato onde se encontram e que continuem a girar até cair. Caem um a um. Depois São Francisco olha-os de cima e diz, muito bem, sigam na direção para onde ficaram voltados ao cair, meus irmãos, e espalhem a palavra.

Sacha passa pelo Tesco. Vê um tipo à entrada mas o tipo que vê não é Steve.

Ela espera que ele esteja bem, onde quer que se encontre. Há imensos sem-abrigo na rua hoje; está tempo seco e o sol brilha. Da última vez que esteve com Steve, ele falou-lhe dos dezasseis autocarros apinhados de sem-abrigo que haviam sido trazidos de Nottingham e do Nordeste.

Viagem gratuita à costa sul, disse ele. Sem bilhete de volta. Despejam-nos em qualquer lugar que não tenha um membro do Partido Conservador como deputado. A cidade está povoada deles. Foram enviados para o litoral. Mais nos valia estarmos de férias, deixa-me que te diga, porque ninguém ganha um caralho dum tostão agora que estão todos aqui.

Nesse dia Sacha deu-lhe todos os trocos que tinha no bolso. Alguém lhe tinha roubado as botas.

Obrigado, minha querida, disse ele.

Proteja-se do frio, disse ela.

Farei por isso, disse ele. Tu também.

Sacha imagina Steve num ecrã com um contador igual ao de Mercy Bucks atrás dele, com a diferença de que o de Steve se move lentissimamente a cada donativo de 10 pence. Imagina Mercy Bucks a girar ininterruptamente no altar da Igreja do Espírito Mercy Bucks como uma dançarina de breakdance que não consegue parar ou como uma agulha que enlouqueceu dentro da bússola, demonstrando à plateia como girar e girar até tombar. Imagina depois Mercy Bucks a deslocar-se por entre as pessoas tombadas e tontas como num campo de batalha, prestando-lhes terno cuidado e atenção e sacando-lhes o dinheiro da carteira enquanto o faz.

Imagina a mãe a sair precipitada pela porta da rua neste preciso momento, adentrando o intenso brilho do sol de inverno para depois cruzar os portões e subir os degraus com todas as suas invisíveis lâminas de fora — uma espécie de canivete suíço exposto numa loja de artigos militares, um gigantesco canivete vermelho que gira num expositor com todas as suas peças obliquamente projetadas — e bater à porta da casa do pai dela e de Ashley para ver se o comando lá está.

A mãe dela nunca usa a chave que o pai lhe deu. Bate sempre à porta.

Imagina Ashley a abrir a porta à sua mãe de lâminas em riste e a fixar nela o seu rosto inexpressivo. Incapaz de ouvir. Incapaz de compreender. Sem dizer nada e a abanar a cabeça antes de fechar a porta.

A mãe dela não trabalhará nada com o volume do televisor tão alto.

Não que reste muito trabalho para fazer num negócio que o Brexit fodeu.

Acode-lhe à mente a mãe a passear-se pela sala esta manhã ao mesmo tempo que gritava as palavras se e heroína por cima do barulho da televisão.

Ah, é verdade. Aquilo da posição.

Trata de encontrar a fonte e de a enviar em tática deferência à Rainha das Fontes.

Sacha digita as palavras se e heroína na barra de pesquisa do telemóvel.

Aparece a palavra droga. Droga, droga, droga, e depois, bastante abaixo, algo relacionado com Jane Austen e os vitorianos.

Sacha apaga o que escreveu na barra de pesquisa.

Digita as palavras ocupar, posição e vida.

Aparecem referências a capitais que ocupam as posições cimeiras do ranking das cidades com melhor qualidade de vida.

Acrescenta a palavra heroína.

Aparecem coisas relacionadas com toxicodependentes.

Desloca os resultados da pesquisa fazendo deslizar o dedo sobre o ecrã uma e outra vez — depois aparece-lhe uma imagem de Greta Thunberg, a fotografia em que tem na cabeça o capuz de um casaco amarelo que lembra o casaco de um pescador, aquela em que está com ar de quem não se deixará enganar por nada nem ninguém.

A heroína da minha vida!

Só a portentosa Greta tem a capacidade de frustrar a determinação da Internet em transformar a palavra heroína numa referência não a uma notabilíssima figura feminina mas a uma droga dura incorretamente grafada.³

Como se quem a digitasse *necessariamente* tencionasse pesquisar a palavra heroína na aceção de droga e não na aceção de pessoa notável, tendo a segunda caído em desuso.

Sacha imagina-se na posição de quem observa a estação de Brighton: a pequena entrada discreta, a praça de táxis e o espaço destinado às bicicletas, as pessoas no Pret a Manger e na M&S Simply Food. Depois imagina tudo, todas as coisas acima mencionadas, a ocupar a palma de uma mão gigante. Mas a mão de quem?

A mão de ninguém.

A mão da própria Sacha, agora que a imagem lhe veio à mente.

É inútil pedir a outrem que segure o mundo por nós ocupado.

Sacha está parada junto ao portão da escola, limpa o ecrã do telemóvel ao casaco para remover as marcas que os dedos aí deixaram. Enquanto o faz, o ecrã ilumina-se, notificando-a de que recebeu uma mensagem.

É de Robert.

³ No original, a personagem pesquisa *heroine* (aquela que se destaca e notabiliza). Na aceção de opiáceo, grafa-se *heroin*. [N. T.]

acho que tou prestes a fazer uma estiopidez ;-/ na praia em frente à shit st pf vem qto antes se puderes preciso de 3 min do teu tempo pra me dares uma maozinha

É o pf e não o qto antes que dita a decisão de Sacha. Traduz uma urgência real, posto que por esta altura qualquer espécie de polidez que o irmão possa ter tido desapareceu por completo.

Poderá ser um ardil.

Poderá ser real.

Por shit st entenda-se Ship Street.

Sacha recua do portão antes que alguém a veja e lhe pergunte por que razão se demora em vez de entrar na escola como devia.

Envia uma mensagem a Mel, que por esta altura já estará a assinar a folha de presenças.

Melaneeee puedes transmitir um pedido de desculpas e uma mensagem minha surgiu uma emergência em casa e so chego a escola daqui a 1 h mto obg mel (emoji de um coração emoji de um coração) sach***

E se for um ardil? Sacha matá-lo-á.

Ela adora-o, mas. Ele é o irmão mais novo dela. Mas. Ele é esperto, mesmo muito esperto. Mas. É como se desde que fez treze anos uma viseira escura lhe houvesse descido sobre os olhos e ele tivesse passado a olhar para tudo e todos através da fenda rasgada na peça de metal. Outrora o tipo de rapaz que costumava dizer coisas inusitadas mas inteligentes como *apesar de dizerem que é rica em vitaminas e minerais, a melancia é 92% água e 8 por cento tudo o resto, o que significa que a quantidade de água é = 92% e o resto são vitaminas e minerais, portanto na verdade as vitaminas e minerais são só = 8%, e o mais excitante é que se pode fazer uma equação matemática a partir de qualquer coisa, até de um fruto ou de um vegetal* é agora o tipo de rapaz que é posto fora da escola por dizer na sala de aula coisas como *mas afinal qual é o problema de dizer que os negros têm um sorriso de melancia?*

Disseste mesmo aquilo que estão a dizer que disseste?
Em voz alta? Para a turma toda ouvir? Para o professor ouvir?,
disse a mãe dele ao erguer os olhos do e-mail que a escola enviara
solicitando a presença dos pais numa reunião destinada a
debater o comportamento do filho.

Robert, não podes dizer esse tipo de coisas, disse Ashley.

Isto foi no tempo em que Ashley ainda falava.

Posso, sim, disse ele. Toda a gente pode dizer o que quiser.
Chama-se a isso liberdade de expressão. É um direito humano.
É um direito humano que eu tenho.

O que disseste não tem piada nenhuma, Robert. É infame,
disse Ashley. Esse tipo de coisa é infame e não tem o mínimo de
graça. Como é que tu és capaz de dizer essas coisas?

É fácil, disse ele. Também lhes expliquei porque é que as pessoas
detestam o facto de as mulheres serem um bando de marronas
atadas que só servem para fazer sexo e ter filhos, especialmente
filhos que não reconhecemos como nossos, na medida em que o
papel do homem consiste em espalhar a sua semente.

Robert! (coro de vozes.)

E basicamente toda a gente, incluindo um número bastante
considerável de mulheres, acha que as mulheres deviam calar o bico,
disse ele. Passam a vida a dizer que devíamos dar mais ouvidos à
História e ao que ela nos diz acerca de nós mesmos. Pois eu digo que
não foi à toa que a História nos deu a máscara da infâmia.

No e-mail a escola informara-os de que Robert havia
transformado a sala de aula num coro de gargalhadas anárquicas
ao levantar-se e dizer tais coisas.

És um satirista e tanto, Robert, disse o pai deles.

Não, sou um pragmatista e tanto, disse Robert.

Recuso-me a recebê-lo mais em casa se continuar a dizer esse
tipo de coisas, disse Ashley.

Esta é uma das últimas coisas que Sacha se lembra de ouvir
da boca dela antes de ter deixado de falar.

«Por essa altura, tornou-se moda adotar a postura de não querer saber. Tornou-se moda, também, insistir que aqueles que queriam saber, ou que diziam querer saber, ou eram uns pobres falhados ou estavam só a exhibir-se. Parece que foi há uma eternidade.

Mas não foi — foi literalmente há escassos meses.»

Fevereiro de 2020: debruçada sobre o ecrã do telemóvel, Sacha, de 16 anos, assiste, tweet a tweet, post a post, à violência racial, à ameaça de uma pandemia global, aos fogos florestais, ao radicalismo e às mentiras descaradas dos políticos. Também a família de Sacha parece estar em perigo de desmoronar: desde o seu irmão, Robert, cujo promissor brilhantismo parece ofuscar-se sob um tédio perigoso, à mãe, Grace, incapaz de encontrar plena satisfação na sua vida atual, preferindo a memória distante dos seus tempos de atriz; e, na casa ao lado, ao pai, que, influenciado por Ashley, a nova mulher, se tornou ele próprio uma pessoa diferente.

Em toda a parte, a vida parece existir num permanente estado de transição, ora voltando atrás e repetindo o passado, emulando-o com roupagens diferentes, ora trazendo o futuro de repente, prenhe tanto de perigo, como de esperança.

Eis a derradeira estação do Quarteto.

Eis o Verão.

«*Verão* é (...) o trabalho, ousado e valioso, de uma escritora que se coloca diante da escuridão dos tempos de hoje e traz a si todo o calor e luz do nosso verão interior.»

The Washington Post

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-564-648-7



9 789895 646487

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT